

**Os agenciamentos familiares que transformam o jovem de pequeno monstro a objeto do desejo:
uma leitura do conto “Pequeno monstro” de CFA**

Elisabete Borges Agra – PPGLI UEPB
Maria Divanira de Lima Arcoverde – PPGLI UEPB

Se o leitor quiser, este pode ser um livro de contos. Um livro com 13 histórias independentes, girando sempre em torno de um mesmo tema: amor. Amor e sexo, amor e morte, amor e abandono, amor e alegria, amor e memória, amor e medo, amor e loucura. Mas se o leitor também quiser, este pode ser uma espécie de romance-móvil. Um romance desmontável, onde essas 13 peças talvez possam completar-se, esclarecer-se, ampliar-se ou remeter-se de muitas maneiras umas às outras, para formarem uma espécie de todo. Aparentemente fragmentado mas, de algum modo – suponho – completo (CFA).

Este artigo se apoia no conceito de agenciamento, com base na teoria de Felix Guattari e Gilles Deleuze e pretende associá-lo ao conto “Pequeno monstro”, de Caio Fernando Abreu. Visamos observar de que maneira o enredo é desenvolvido neste conto, a ponto de fazer emergir os agenciamentos que provocam no sujeito-narrador os movimentos de desterritorialização e reterritorialização. Ao redesenhar interpretativamente a trajetória desse narrador pelo universo dos movimentos que o transformam, descrevemos neste trabalho as formas de agenciamento relativas a essas transformações, tendo como pressuposto que todo agenciamento liga, compõe, produz, combina e consome corpos e mentes, movimentos, pensamentos e desejos. Dessa forma, podemos compreender que os movimentos de transformação do sujeito-narrador são compostos por agenciamentos familiares variáveis que o definem ora como “pequeno monstro” preso às normas de convenções familiares, ora como objeto do desejo. Apontamos, também, como esse conceito de agenciamento é uma ferramenta essencial, na medida em que reflete acerca dos aspectos materiais, sociais e semióticos envolvidos na construção das subjetividades do sujeito.

Assim, verificamos que sob a fala e a escrita, a linguagem utilizada pela família revela palavras de ordem que resultam em agenciamentos de uma máquina política a operar os signos internamente. Se partirmos da concepção deleuziana acerca do ato político, veremos que ela se define “como ação que transborda o que tradicionalmente se caracteriza como esfera pública”. De modo que uma relação informal entre pais e filhos constitui-se em fator de criação e transformação de regimes de

signos, estabelecendo, dessa maneira, os processos de singularidades regidos pelos processos de subjetivação operacionalizados pelos regimes de signos dominantes (relação familiar) e esses regimes, muitas vezes, se revestem em forma de escravização do próprio sujeito em seu processo de singularização, pois ele se torna escravo de si mesmo. Observemos o trecho a seguir:

Naquele verão, quando a Mãe avisou que o primo Alex vinha passar o fim de semana conosco na casa da praia alugada, eu não gostei nem um pouco. Não por causa dele, que eu mal lembrava a cara direito, podia até ser qualquer outro primo, tio, avô. Mais por minha causa mesmo, que tinha começado a crescer para todos os lados, de um jeito assim meio louco. Pernas e braços demais, pêlos nos lugares errados, uma voz que desafinava igual de pato, eu queria me esconder de todos (ABREU, 1988, p. 125).

É pela meticulosa construção de uma linguagem própria, que o pequeno monstro de uma cidade do interior, pelo excesso de lucidez, traça o perfil de seus agenciamentos sobre o rito de passagem da sua adolescência. É impossível não reconhecê-lo em todas “aquelas frustrações típicas da idade” como quando o garoto se olha no espelho e vê seu corpo transformado, sua cara cheia de espinhas e repete para si mesmo: “Pequeno Monstro, Pequeno Monstro, Pequeno Monstro” (op. cit. p. 126).

Ocorre nesta narrativa uma produção de subjetividades em processo inacabado. O sujeito narrador se vê envolvido num campo subjetivo complexo, vinculado ao seu contexto familiar, repleto de costumes, regras, convenções e práticas.

Neste processo de construção de subjetividades¹, o desenrolar da trama é marcado pela atribuição de um nome próprio ambivalente dado ao protagonista (“pequeno monstro”). Fato este que se constitui como componente importante à construção de sua singularidade, caracterizando-o não somente como um ser em processo transitório, como também, delimitando seu espaço provisório no seio de sua família. Neste sentido, a família, além de produzir subjetividades, garante o controle social sobre o desejo do outro. A ambivalência do nome próprio proporciona a quebra da “unidade linear”, como apontam Deleuze e Guattari (2004) ao afirmarem que “o sujeito não pode nem mesmo mais fazer dicotomia, mas acede a uma mais alta unidade, de ambivalência ou de sobredeterminação, numa dimensão sempre suplementar àquela de seu objeto” (p. 14).

¹ Subjetividade, neste sentido, é compreendida como um complexo de conversações, narrativas do ser, significados que a cultura disponibiliza aos sujeitos para manipularem e interagirem na trama social. Nesta perspectiva, o termo subjetividade sugere a ideia de constante movimento; de produção inacabada.

Em tempos pós-modernos, além dos problemas a partir de perturbações físicas, as práticas linguísticas e os juízos morais são grandes portadores das condições subjetivas do indivíduo. Diante desta reflexão e associando-a ao conto analisado, em que condições os pais atribuem ao filho adolescente a propriedade de “pequeno monstro”?

Podem existir variados agenciamentos que contribuem para a cadeia semiótica que o nome “pequeno monstro” carrega.

Como podemos observar, a nominalização conferida ao protagonista é um agenciamento que interfere em sua prática cotidiana, pois ele fica “encurralado”, preso às exigências, num processo de subjetivação. Entretanto, é a própria família, com a chegada do primo distante, que o conduz a um processo inverso de subjetivação. Neste sentido, ela possui dupla função: escraviza-o enquanto o liberta.

Assim, a família se constitui como agenciamento maquínico. E enquanto constituída como instituição privada moderna, ela é atravessada por regime semiótico misto em que a palavra de ordem é sentença de morte, mas também é estado de variação contínua. Notemos pelo fragmento adiante:

[...] não suportava ninguém por perto. Uma Mãe insistindo o tempo inteiro pra tu ires à praia na mesma hora que todo mundo normal vai e um Pai que te olha como se tu fosses a criatura mais nojenta do mundo e só pensa em te botar no quartel pra aprender o que é bom - isso já é dose suficiente para um verão [...] De repente meu primo diz: - Eu sou teu amigo. Parei outra vez de me sentir monstro. Nunca ninguém tinha me dito isso antes. Foi aí que as coisas começaram a acontecer muito depressa, me deu vontade de rir, comecei a falar sem parar, ele começou a falar sem parar também no curso dele de Medicina, nas coisas todas que ia estudar, umas coisas da cabeça das pessoas, de nome complicado, psico não sei o quê, nuns livros duns caras de nome complicado também, duns discos, duns filmes, e disse que ia me dar umas coisas pra mim ler, pra mim ouvir, pra mim gostar, e eu fiquei pensando que não ia dar porque eu ficava o ano todo lá naquele cafundó (DELEUZE e GUATTARRI, 2004, p. 128-129).

O trecho citado mostra claramente que enquanto “pequeno monstro” significa para os pais um regime semiótico de “veredicto”, para o primo “pequeno monstro” significa justamente o oposto: um grito de alarme ou uma mensagem de fuga. Mas não significa afirmar apenas “que a fuga é uma simples palavra de reação à palavra de ordem; encontra-se, antes, compreendida nessa, como uma outra face em um agenciamento complexo (DELEUZE e GUATTARRI, 2004. p. 54).

É notável observarmos que a escrita do autor, nesta narrativa, é tradutora de diferentes modos de agenciamento. Compreendemos, portanto, compartilhando dos pressupostos teóricos de Deleuze e

Guattari (2004, p. 12), quando enfatizam que “a literatura é um agenciamento”, que a forma literária, neste espaço de ficção, faz emergir os variados modos de subjetividade por onde passam o sujeito protagonista da narrativa “Pequeno monstro”. A subjetividade deste sujeito está entrecruzada com a sua singularidade, pois esta depende dos jogos discursivos agenciadores que, por sua vez, promovem estados de subjetividade resultantes em singularidade transitória. As singularidades, vistas por este ângulo, são ramificações de rizomas, pois como afirmam os autores supracitados, “trata-se do modelo que não pára de se erigir e de se entranhar, e do processo que não pára de se alongar, de romper-se e de retomar” (p. 32).

Dessa forma, a subjetividade do “Pequeno monstro” é produzida por meio dos jogos discursivos familiares. A narrativa se constitui a partir da instauração de uma escrita que não se fixa nem no plano de expressão nem no plano de conteúdo. Ora, isso é possível inferir, no momento em que entendemos todo processo de escrita, seja ele literário ou não, como um processo maquínico. A escrita como processo maquínico permite uma desconstrução do texto, uma vez que cria novas referências, ou “novos agenciamentos, montando uma rede de contatos com outros conceitos”. Conceitos como rizoma, escrita maquínica e agenciamentos são explorados aqui, pois de acordo com Deleuze e Guattari (2004), eles permitem determinar não o que é um objeto em sua essência, mas as circunstâncias que o produziram. É exatamente a partir destes conceitos, que podemos garantir múltiplas possibilidades de leitura do conto “Pequeno monstro”, de Caio Fernando Abreu. Assim, podemos perceber, nesta narrativa, os movimentos de desterritorialização e reterritorialização, que modificam e transformam o sujeito, proporcionados pelos agenciamentos, ora maquínicos familiares, ora maquínicos do desejo.

A primeira consideração acerca deste conto encontramos na observação de que a relação significante e significado não é reduzida a conteúdo e expressão, nem pode fixar o conteúdo como determinante, nem a expressão como significante. Isso se torna perceptível na narrativa, a partir do entrecruzamento da expressão “pequeno monstro” em “virtude dos agenciamentos maquínicos” (a família: pais e primo) que regulam as relações instáveis entre significante e significado. Nessa perspectiva, as várias possibilidades semânticas que a expressão “pequeno monstro” carrega corrobora para “um plano de consistência das multiplicidades” que se definem pela “linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras” (op. cit. p. 17). Falar dessa multiplicidade presente no conto é levarmos em conta que a linguagem apresentada por ele efetua um descentramento por não se fechar em si mesma.

Na perspectiva de Deleuze e Guattari (2007, p. 98-99) “os agenciamentos”, nesta narrativa, não nos parecem, de poder, mas do desejo que é sempre agenciamento; e o poder se constitui naquilo que os autores chamam de “uma dimensão estratificada do agenciamento”. Ainda citando estes autores (2004, p.35), “uno e múltiplo, não estamos mais nessa: há um agenciamento coletivo de enunciação, um agenciamento maquínico de desejo, um no outro, e ligados num prodigioso fora que faz multiplicidade de toda maneira”. E a literatura é palco para desses agenciamentos, ou melhor, segundo estes teóricos é o próprio agenciamento, pois nela eles se encontram encenados, e permitem a críticos e leitores moverem significações, partindo-se do princípio de que ela não é a imagem do mundo conforme uma crença enraizada.

Seguindo este caminho, os teóricos apontam com clareza a importância no entendimento dos agenciamentos. Para eles, “a soma dos gestos, atitudes, procedimentos, regras, disposições espaciais e temporais que fazem a consistência concreta ou a duração, o indivíduo por sua vez não é uma forma originária evoluindo no mundo como em um cenário exterior ou um conjunto de dados aos quais ele se contentaria em reagir: ele só se constitui ao se agenciar, ele só existe tomado de imediato em agenciamentos”. (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 76).

Na esteira destes conceitos, podemos entender que quando uma palavra ganha outro sentido, ela pode nos remeter a conjugação dos fluxos, das descobertas das linhas de fugas do agenciamento. O pequeno monstro não se fixa num único agenciamento familiar, mas na variação desse próprio agenciamento. O acontecimento “naquele verão”. Quando a mãe avisou que o primo Alex vinha passar o fim de semana: “só tardezinha saía de casa, na hora que as empregadas domésticas - as dosas, o Pai dizia - estavam voltando da praia. Então caminhava quilômetros na beira do mar, me rolava na areia, vez enquanto chorava e repetia: pequeno monstro, pequeno monstro, ninguém te quer”(ABREU, 1988, p. 131).

O garoto demonstrou desagrado: “não gostei nem um pouco”. Expressão do jovem talvez involuntária proporcionada pelo medo instaurado pelo agenciamento familiar que, no desenrolar da narrativa, se transforma num agenciamento familiar do desejo do qual este acontecimento é portador, promovendo um processo efêmero de subjetividade do pequeno monstro. Isto é visível na construção da identidade provisória desse sujeito na medida em que ele se expressa acerca da visita do primo e aquilo que é expressivo, nas palavras de Deleuze, é sempre um agenciamento de enunciação. A rejeição ao parente faz emergir uma potência de subversão oriunda do próprio agenciamento familiar que tenta homogeneizar o desejo, ou seja; o desejo do pai é que o filho seja homem: “Pai que te olha como se tu

fosses a criatura mais nojenta do mundo e só pensa em te botar no quartel pra aprender o que é bom”, (ABREU, 1988, p. 136) insistindo em emitir ordens. A esse tratamento menor dado pelo adolescente à visita do primo reside o devir, recusa das constantes (normas), onde outra história se agita, se ramifica, estabelece elos e modifica os próprios agenciamentos. Observemos o excerto a seguir:

Empurrei a compota de pêssego argentino, a calda virou na toalha, armei a tromba. Esse era meu jeito de dizer: não careço nem ver a cara dele para ter certeza que é um coiô. [...]Fiquei olhando com força pro colchão sem lençol da cama ao lado onde ele ia dormir, até encher o colchão com todo o meu ódio, pra ele se sentir mal e ir embora no mesmo dia.[...] . Meu quarto agora não era mais só meu, não podia ficar lendo até tarde nem nada, luz acesa até altas: a droga do primo Alex estava lá, e eu tinha prometido ser bem educado com ele, coitado. [...]Então cheguei bem devagarinho perto da janela do quarto e, sem barulho nenhum, empurrei a persiana. De leve, como se fosse um vento. Ele estava nu, de costas para a janela. [...] Todo parado o primo Alex, só mexia o braço direito que eu não via inteiro, porque ele estava de costas para mim. Cada vez mais depressa, eu tranquei a respiração, o queixo apoiado na janela, e cada vez mais depressa, até que ele primeiro gemeu baixinho, depois mais alto, suspirou, o corpo inteiro tremendo, virou de bruços na cama e afundou a cara no travesseiro. (op. cit. p. 142)

A chegada do primo, tanto traz novas experiências (descoberta da sexualidade), quanto subverte a ordem familiar e transforma o “pequeno monstro em ser que pode desejar e o primo em objeto desejante. A linguagem do conto é evocada pelo jogo das entrelinhas. O leitor passa a observar aquela descrição minuciosa do adolescente acerca do primo Alex com um olhar de expectativa. É no ápice desse jogo da linguagem que ele é convidado a perceber o despertar de uma sexualidade, talvez provisória, mas que vai penetrando e modificando as subjetividades do protagonista.

A ordem passa a ser outra, neste momento: da desordem, uma vez que é pressuposto de que em toda palavra de ordem, mesmo de um pai ao seu filho, haja uma sentença de morte. A qualidade que o pai ordenou ao filho, ou seja: pequeno monstro, é recebida e estabilizada momentaneamente. Mas, diante do acontecimento fatídico da presença do primo, a ordem se desestabiliza, provocando o aniquilamento da qualidade de pequeno monstro. Daí em diante, o estranho passa a ser o objeto desejado. São os agenciamentos subvertendo a ordem familiar: O primo não é mais aquele indesejável, não é mais o “coiô”, não é mais o “certinho”. Tais agenciamentos que antes produziam o pequeno monstro da forma mais pejorativa possível, produzem, a partir de então, deslocamentos que anulam os devires conservadores e fazem eclodir agenciamentos também familiares, só que agora, do desejo. A postura do adolescente atesta isso:

Eu tinha que estar preparado para enfrentar aquele tapume de óculos, que certamente - eu conhecia bem essa gente - tinha deixado seus óculos sebotados na minha mesinha de cabeceira, e aqueles vulcabrás nojentos com umas meias duras no garrão saindo pra fora e um fedor de chulé no ar, escarrapachado na cama, roncando e peidando feito um porco. Que ódio, que ódio eu sentia parado naquele biricute escuro entre o banheiro e o quarto que não eram mais meus. Abri a porta devagarinho. A janela-guilhotina estava levantada, a luz apagada. Não tinha nenhum fedor no ar. A luz da lua entrando pela janela era tão clara que eu fui me guiando pelo escuro até a minha cama, sem precisar estender a mão nem nada. Sentei, levei a mão até a mesinha de cabeceira e apalpei: não tinha nenhum óculos em cima dela. Só meu livro Tarzan, o Invencível, da coleção Terramarear. Pelo menos isso, pensei: a trolha não usa óculos. Fiquei de cueca, camiseta, me deitei. Não tinha nenhum barulho de ronco, nenhum cheiro de peido no ar, só aquele perfume meio enjoativo do jasmineiro ali no pátio ao lado. Os meus olhos foram se acostumando mais no escuro, e eu comecei a olhar para a cama onde o primo Alex estava deitado, do outro lado do quarto (op. cit. p. 142-143).

Especialmente em relação ao desejo sexual que o primo provoca no narrador, vale salientar que, conforme indica o final desta trama, ocorre uma grande reforma contra a moral que o havia disciplinado. E isso tem um sentido muito mais abrangente do que apenas a descoberta de uma sexualidade, pois a própria construção das sexualidades – incluindo suas demarcações e implicações de normalidade/anormalidade – é decorrente dos agenciamentos maquínicos do desejo. Lendo o conto, podemos nos questionar sobre os limites estabelecidos por esses agenciamentos, incluindo não só o vínculo entre práticas e identidades sexuais e a vigilância em torno da sexualidade, sobretudo como esses agenciamentos conduzem o indivíduo em busca de uma liberdade que ele acredita ser oriunda de suas entranhas, mas que na verdade, é tão provocada pelos agenciamentos como a própria norma. E tudo isso o envolve o num jogo em que seus próprios desejos são frutos dessa máquina agenciadora de suas subjetividades.

Pequeno monstro nos apresenta um ambiente, aparentemente que gira em torno da sexualidade, no qual o adolescente participa de uma aventura homoafetiva. No entanto, tal episódio não deve ser destacado aqui como a temática principal da narrativa – não se trata de uma explicação para uma iniciação sexual homoerótica. Tal relato, portanto, deve ser compreendido, sobretudo, pela forma como o adolescente atravessou o agenciamento familiar e, paradoxalmente, encontrou neste mesmo agenciamento suas linhas de fuga. Este é o momento epifânico da trama - a descoberta de si e da beleza do mundo, no momento em que, por alguns instantes, ele contempla o primo:

A luz da lua batia direto nele. Ele estava deitado por cima do lençol, completamente pelado. Meus olhos se acostumavam cada vez mais, e eu podia ver o primo Alex virado sobre o lado direito, as duas mãos juntas fechadas no meio das pernas meio dobradas. Ele parecia muito grande, tinha que encolher um pouco as pernas, senão os pés batiam lá na guarda do fim da cama-patente. Ele tinha muitos pêlos no corpo, a luz da lua batendo assim neles fazia brilhar as pontas dos pêlos. Ele tinha a cara virada de lado, afundada no travesseiro, eu não podia ver. Via aqueles pêlos brilhando - uns pêlos nos lugares certos, não errados, que nem os meus - descendo para baixo do pescoço, pelo peito, pela barriga, escondidos e mais cerrados naquele lugar onde ele enfiava as mãos, depois espalhados pelas pernas, até os pés. Os pés encolhidos do primo Alex eram muito brancos, o pai dele tinha morrido, ele tinha estudado o ano inteiro e passado no vestibular não sei de quê, lembrei. E não fazia barulho nenhum quando dormia, coitado (op. cit. p. 143).

A partir de então, o pequeno monstro se reconstrói de uma subjetividade marcada pela resistência às várias formas de dominação a que foi submetido durante sua pequena vida. Essa subjetividade que emerge no adolescente, “é o conjunto das condições que tornam possível que as instâncias individuais e/ou coletivas estejam em situação de emergir como Território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva” (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 94). É a junção de agenciamentos de enunciação sem um eixo principal, ou melhor, sem aquele que fixa uma singularidade. Essa nova subjetividade do narrador consiste em um enfrentamento à visão da família acerca dele próprio. Desta forma, suas atitudes marcam a subversão do pensamento que o enclausura –seja homem – em prol de uma outra concepção de homem, que é puro movimento criador. Ele modelou sua subjetividade, ou seja, criou uma certa cartografia a partir da qual ela se posiciona em relação aos seus afetos que sente pelo primo.

Ser considerado “o pequeno monstro” fez com que o próprio narrador constituísse o seu processo de subjetividade através dos agenciamentos familiares de enunciação. Diante do exposto, podemos inferir que a emoção predominante nesse cenário do conto é a transformação desse adolescente provocada pelos movimentos que o desterritorializam. Tais movimentos ocupam diferentes etapas de seu crescimento, bem como, múltiplos comportamentos.

Rapidamente, a transformação desse sujeito é evidenciada através de posicionamentos e comportamentos efêmeros acerca de sua sexualidade o que faz produzir, cotidianamente, pequenos deslocamentos, pondo-os em variações, muitas vezes imperceptíveis. Todos esses deslocamentos proporcionam novas subjetividades que, como afirma Suely Rolnik (1999), as subjetividades se transformam na medida em que os sujeitos ocupam diversificados universos e essa diversificação provoca uma reconfiguração das subjetividades do sujeito:

A imensa diversidade e densificação de universos que se miscigenam em cada subjetividade torna suas figuras e suas linguagens obsoletas muito rapidamente, convocando-a a um esforço quase que permanente de reconfiguração. Nesse contexto, a subjetividade se descobre precária e incerta. Muda por completo o modo como é vivida a experiência da desestabilização (p. 208).

Nesta perspectiva, somos polifonias de vozes, efeito de discurso indireto (agenciamento familiar tão difundido esteticamente no conto) com os quais nos afetamos e produzimos expressões singulares. Por vezes, nos tornamos estrangeiros dentro de nós mesmos. É o efeito de estranhamento tão presente neste enredo, mas um estranhamento positivo. Se observarmos com atenção, o protagonista resiste a esse estranhamento, apenas assumindo posturas e flutuando nos espaços disciplinadores dos agenciamentos familiares, por deixar subjacente, questões como: quem é o outro diante de mim? Quem sou eu nesse jogo a partir da chegada do meu primo?

Para Machado (1995, p. 144), “esse processo inusual de elaboração da subjetividade da personagem (...) é na verdade, o desenrolar de um processo em que a personagem revela como tomou consciência de si mesmo”. As palavras da autora confirmam que é impossível, como diz Bakhtin (1997, p. 58), “transformar um homem vivo em objeto mudo de um conhecimento conclusivo à revelia. No homem sempre há algo que só ele mesmo pode descobrir no ato livre da auto consciência e do discurso”.

Parece haver um movimento nítido de desterritorialização e reterritorialização. O jovem começa a habitar um território existencial distinto, com seus regimes semióticos próprios. Sua postura difere de acordo com o campo discursivo em que foi gerada e da qual se apropria em seus enunciados, sua máscara de pequeno monstro sofre fissuras perante o seu comportamento diante do parente próximo, agora mais próximo ainda, e transmuta-se em nova máquina, novos territórios, novo personagem, para o desejo possa se realizar:

- Eu sou teu amigo.

Parei outra vez de me sentir monstro. Nunca ninguém tinha me dito isso antes. Foi aí que as coisas começaram a acontecer muito depressa, me deu vontade de rir, comecei a falar sem parar, ele começou a falar sem parar também no curso dele de Medicina, nas coisas todas que ia estudar, umas coisas da cabeça das pessoas, de nome complicado, psico não sei o quê, nuns livros duns caras de nome complicado também, duns discos, duns filmes, e disse que ia me dar umas coisas pra mim ler, pra mim ouvir, pra mim gostar, e eu fiquei pensando que não ia dar porque eu ficava o ano todo lá naquele cafundó (ABREU, 1988, p. 129).

Os agenciamentos proporcionados pelo primo resultaram na experimentação da não identidade, do não-ser: a desterritorialização. É pelas bordas que a desterritorialização acontece e que tudo foge. Queremos pensar desterritorialização e a reterritorialização como processos concomitantes, fundamentais para compreender as práticas humanas.

Partindo desses movimentos de desterritorialização e reterritorialização, percebemos que foi na fronteira entre a presença do primo e a imposição da família, que foi determinado o comportamento que o garoto deveria apresentar e como tudo aconteceu. Emergiu desse confronto um sujeito-ator portador de um novo agenciamento corpóreo onde se acopla uma multidão de vozes (do pai, da mãe, do primo, dos parentes mais distantes, dos amigos da família) de onde se tira a própria voz, que deixaram marcas nesse corpo e produziram novos desejos, como se essa multiplicidade de vozes realizada entre “diferentes consciências” causasse a interação e a interdependência entre estas (BAKHTIN, 1997). É o acontecimento que se volta através das marcas corporais que restaram desse encontro de final de semana; movimentos. Criação de pontos de vista, mutações de si mesmo, novas perspectivas de mundo. Evidenciam-se neste conto que os agenciamentos familiares são ramificações do agenciamento maquínico; prática disciplinar tão presente no universo da narrativa em questão.

Sobre esse poder disciplinar que, de acordo com Foucault (2007), são todos “os esquemas de individualização, de normatização, de sujeição de indivíduos no interior dos sistemas disciplinares [...] é a instância de controle de todas as instituições e de todos dispositivos disciplinares e faz ao tempo, e sem que isso seja contraditório, o discurso da família.

Por isto, a narração do desejo e das experiências familiares de um adolescente é profundamente vista como a narração de um sujeito plenamente consciente desse desejo. Percebemos a constituição de um comportamento em consequência das relações de seu meio familiar, tal como o envolvimento rápido com o primo, que fez com que a família - pais e parentes – parecesse ao jovem, portadora de um discurso sobre ele destituído de importância e significação deixando este jovem aberto ao mundo atual e ao devir.

Logo, entendemos que subjetividade é realmente plural, polifônica, em termos bakhtinianos, por isso não reconhecer “nenhuma instância dominante de determinação que guie as outras instâncias segundo uma causalidade unívoca” (DELEUZE E GUATTARI 2004, p 101).

De modo geral a literatura contemporânea acopla esse discurso polifônico e híbrido, pois ao conceder o lápis ao narrador, o escritor se liberta de certas maneiras codificadas de interpretar a

realidade. Isso não se dá apenas porque esse narrador por falta de narrar as grandes epopéias – como afirma Adorno acerca do narrador moderno – narra a si mesmo, mas sobretudo, porque esse narrador contemporâneo surge com uma estética do narrar pautada na necessidade de conjugar o deslocamento à leveza, e a literatura de Caio Fernando Abreu, nascida na contemporaneidade e por conjugar a rapidez de novos traços culturais, que se relacionam ao aparecimento de um novo tipo de vida social e de um “capitalismo esquizofrênico” desloca o peso da existência na “busca da leveza como reação ao peso do viver”(CALVINO.2003. p. 39).

Os agenciamentos familiares explicitados para mostrar a relação do conto com esse novo tipo de vida social da qual fazemos parte são essenciais para construir o narrador protagonista paradoxal. A linguagem que, inicialmente, soava como um peso encerra o conto com a leveza

Dessa forma, leveza; conhecida proposta de Ítalo Calvino, parece ser peça essencial ao discurso do escritor brasileiro que faz de sua prosa uma construção na qual, contra as visões essencialistas, sugere, em linguagem precisa e paradoxal, uma visão pluralista e multifacetada do mundo.

Leveza e deslocamento na escrita deste autor não consistem apenas na precisão da linguagem, mas, sobretudo no desenvolvimento da trama. Pela leveza com que o narrador descreve o relacionamento entre ele e o primo com duração de um final de semana e pela forma como o adolescente descreve a ejaculação do primo. E vale a pena ressaltar que nesse episódio não apenas a característica da leveza é evidenciada, mas do deslocamento. Note que o adolescente, que durante as férias, sofria com o peso do nome “pequeno monstro”, mas que no percurso da narrativa viveu esse relacionamento efêmero, palavra que soa excessivamente pesada, evoca o leitor a refletir uma proposta que vem da margem, porque é justamente esse efêmero relacionamento entre primos que se distancia do peso dos relacionamentos normativos. Isso significa sair do centro e deixar a linguagem desse conto falar através de suas bordas, que nas palavras de Ricardo Piglia é (2001) “deixar a linguagem falar também das bordas, no que se ouve no que chega de outro”. A partir dessa tomada de posição, o conto se evidencia em seu exercício de ficção especulativa, uma vez que parte do lugar das diferenças, dessa ambivalência – o entrelugar – para evidenciar as vantagens de estar na margem.

Agora o relacionamento do deslocamento proposto nessa narrativa faz eclodir esse mundo alternativo, abre caminhos que se ancoram no entrelugar, e isso proporciona refletir a própria escrita literária. Parece que o leitor é levado a entender além do que a linguagem impõe, porque aquele que fala ou escreve não consegue fazer significar e na perspectiva de Piglia (2001) é a literatura do futuro

que não esbarra no limite da linguagem: “os escritores a confrontarem-se com os limites da literatura aponta que ela é o “lugar no qual sempre é o outro que vem a dizer” (2001). E partindo desse pensamento de Pligia que podemos afirmar que o conto “Pequeno monstro” é constituído de um relato alternativo, em tensão com os relatos construídos e difundidos pelo mundo real, pois requer do leitor uma reflexão maior acerca dos mundos reais escondidos e postos a margem, requer, então, o deslocamento da observação direta do mundo real, numa constante reivindicação da visão indireta, oportunizada pelo outro, para se contrapor aos discursos de teor normativos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Os dragões não conhecem o paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - Capitalismo e Esquizofrenia**. V.1. Rio de Janeiro. Vol.4. São Paulo: Ed 34, 1997. Ed.34, 2004.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.4. São Paulo: Ed 34, 2007.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 2007.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **O inconsciente maquínico: ensaios de esquizo-análise**. Campinas: Papirus, 2000.

MACHADO, Irene. **O Romance e a Voz: A prosaica dialógica de Bakhtin**. Rio de Janeiro: Imago Editora, São Paulo:FAPESP, 1995.

PLIGIA, Ricardo. Una Proposta Para el Nuevo Milenio. In: **Margens – caderno de cultura**, n.2, outubro, Belo Horizonte, 2001.